

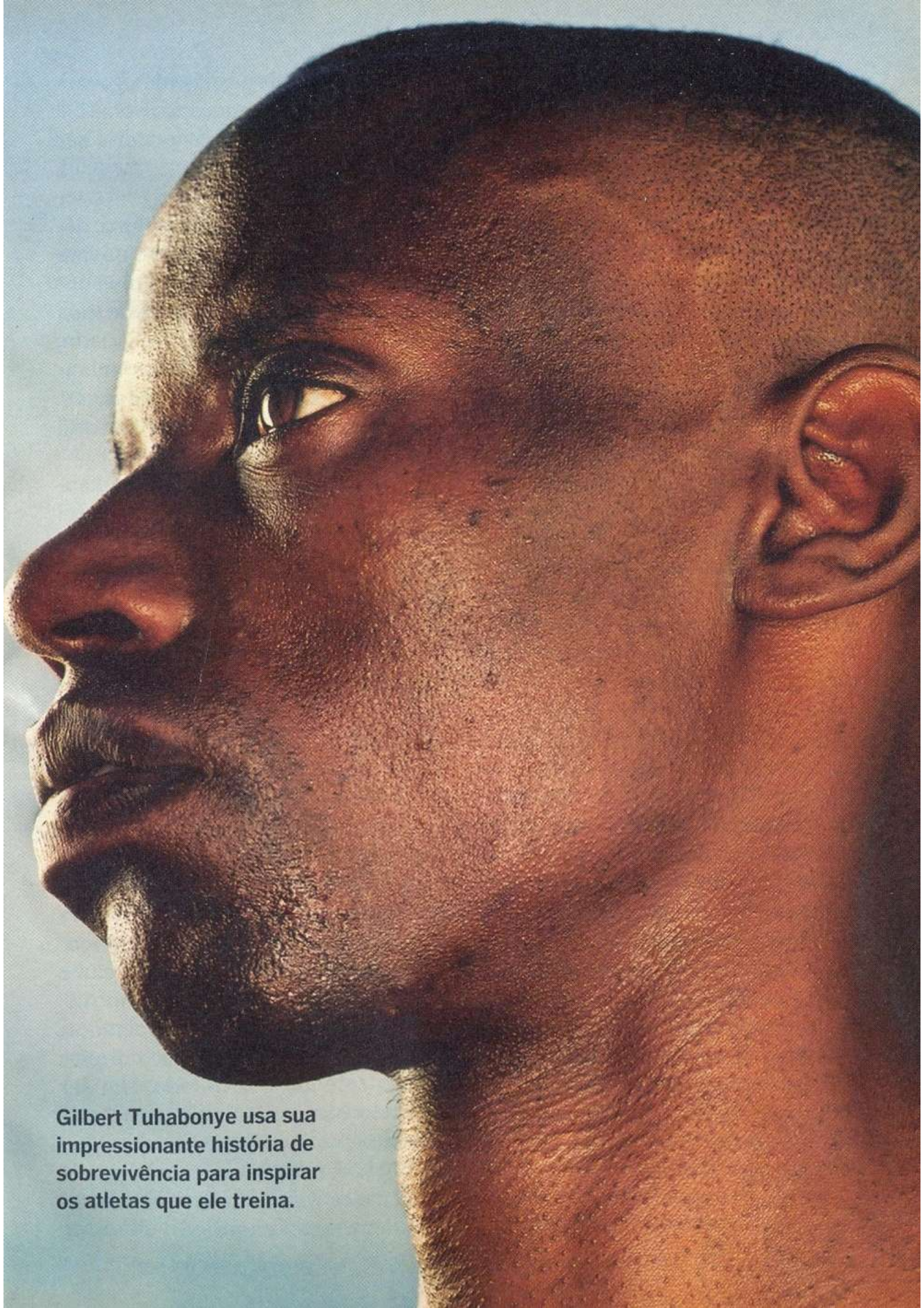


# CORRENDO PELA VIDA

POR MICHAEL HALL

**Ele estava ardendo em chamas.** Eram 3 horas da manhã e em sua maioria os colegas de turma estavam mortos – abatidos e queimados vivos por crianças e adultos que conheciam havia muito tempo.

Corpos ardião ao seu redor na pequena sala. Ele usou alguns para não ser atingido pelos galhos em brasa atirados pela multidão do lado de fora. Durante horas, ouvira-os rindo, cantando, batendo palmas, provocando. Agitando seus facões, antes do amanhecer os hutus haviam



**Gilbert Tuhabonye usa sua impressionante história de sobrevivência para inspirar os atletas que ele treina.**

encurralado, dentro de uma sala, mais de 100 adolescentes e professores tútsis do Colégio Kibimba, no Burundi. Alguns ainda estavam vivos, gemendo de dor, desejando a morte.

“Não restaram muitos de nós”, lembra ele. “Um menino, dizendo que não queria morrer como um cachorro, jogou-se da janela. Foi cortado em pedaços. Em seguida, atearam fogo ao telhado, que, depois de algum tempo, começou a desabar em cima de mim. Eu levantei o braço direito enquanto tentava me proteger debaixo dos corpos. Minhas costas e meu braço pegavam fogo – era uma dor terrível! Decidi então me matar subindo numa pilha de corpos e mergulhando de cabeça. Tentei duas vezes, mas não consegui. Ouvi então uma voz que dizia: ‘Você não quer morrer. Não faça isso.’ Lá fora, podíamos ouvir os hutus desistindo e indo embora. Um deles disse: ‘Antes de irmos, vamos ver se todos estão mortos.’ Três entraram. Um deles cravou uma lança no coração de um rapaz. Novamente ouvi a voz: ‘Vá embora.’ Havia um corpo perto de mim, queimando até os ossos. Agarrei um osso – pelando de quente – e usei-o para quebrar a tranca na janela. Eu queria me matar. Queria poder ser identificado. Queria que meus pais me reconhecessem. Não queria ser totalmente queimado, como os outros. Eu ia pular para deixar que me matassem.”

Ele pulou. E, no meio do tumulto do genocídio, pelo menos por alguns segundos ninguém o viu. Suas costas

pegavam fogo, as pernas fumegavam e os pés estavam em carne viva. Ele correu. Se é que aquilo poderia ser chamado de correr.

“GILBERT! GILBERT!” Quase uma década depois, num dia claro e quente de março de 2003, Gilbert Tuhabonye cruzou a linha de chegada de uma prova de 10 mil metros, em Austin, Texas. Centenas de pessoas aplaudiam e muitas chamavam seu nome. Ele chegou na frente de uns 14 mil corredores, mas não de todos eles.

“Treinador, você é impressionante!”, uma mulher gritou. “Eu o adoro! Você é o número um, Gilbert!” Na verdade, ele era o número três, pois chegara em terceiro lugar numa corrida que havia vencido no ano anterior e na qual era o favorito dessa vez. Mesmo desapontando, a chegada de Gilbert em terceiro lugar não poderia mudar um fato: a 13 mil quilômetros de distância de casa, ele é uma celebridade em Austin, o mais popular treinador de corrida em uma cidade de corredores fanáticos.

O governador o solicita. As crianças pedem seu autógrafo. Mulheres brancas ricas lhe pagam para orientá-las a correr. Seus alunos no clube de corrida Gazelles, do próprio Gilbert, vêem-no como um salvador, otimista quando tem todo o direito de ser retraído e revoltado. Um ser humano com a missão de mostrar ao mundo o que um homem – entregue ao fogo e à morte uma década atrás – pode fazer. Um homem com um sobrenome que significa “filho de

Deus”. “No Burundi”, explica Gilbert, “o sobrenome da pessoa precisa ter um significado. Meu nascimento foi numa época difícil, logo depois da guerra. Tinha havido uma grande seca, os grilos atacaram as colheitas – e minha mãe quebrou o tornozelo. Quando eu nasci, ela disse: ‘Este não é meu filho; é filho de Deus.’”

NA SALA DE ESTAR de seu apartamento em Austin, Gilbert bate em um tambor imaginário, acompanhando um CD de música burundinesa. Sua

tos. “No Burundi, a música é boa e o clima é maravilhoso. Se houvesse paz, eu treinaria lá. É o paraíso.”

Gilbert nasceu no Burundi em 1974. Seus pais eram fazendeiros tútsis, plantavam milho, batata, ervilha e feijão. Quando garoto, ele vivia correndo por todo lado. Na sétima série, foi para um colégio interno em Kibimba, a quase 250 quilômetros de casa. Dos cerca de mil alunos, aproximadamente 60% eram hutus. Os outros eram tútsis.

Os grupos étnicos hutu e tútsi fo-

**G**ilbert faz com que as pessoas acreditem em si mesmas,’ diz uma de suas alunas. ‘Trata todas como se fossem incríveis.’

bela mulher, Triphine, brinca com a filha, Emma. Em casa, eles falam basicamente o quirundi, sua língua nativa, embora tentem falar inglês perto da menina. Os brinquedos de Emma espalham-se pelo apartamento. Nas paredes estão a bandeira do Burundi e fotos de Gilbert correndo; há uma Bíblia sobre uma mesa. Começa uma outra música, dos anos 60, chamada *Yes, I love Micombero*, sobre um presidente tútsi da época.

“Se disser o nome [de Micombero] na frente de um hutu”, afirma Gilbert, “ele mata você.” Gilbert finge tocar alguns dos outros instrumen-

ram rivais durante séculos. Mas somente nas duas últimas gerações a situação se tornou brutal, no Burundi e nos arredores de Ruanda. No Burundi, a aristocracia tútsi dominou os camponeses hutus por mais de 500 anos. As etnias coexistiram em relativa paz até a chegada dos europeus. Burundi e Ruanda foram incorporados à África Oriental alemã na década de 1890; a Bélgica tomou conta após a 1ª Guerra Mundial. Gilbert explica: “Os alemães estabeleceram em lei as diferenças entre tútsis e hutus: dividir para governar.”

O Burundi tornou-se independente

em 1962, com os tútsis no controle do Exército e do governo. Por essa ocasião, a violência étnica foi deflagrada. Em 1972, uma tentativa de golpe resultou num massacre de cerca de 150 mil hutus; muitos tútsis também foram assassinados, entre os quais três tios de Gilbert.

Como calouro em Kibimba, Gilbert venceu uma prova de 8 mil metros, de pés descalços. No ano seguinte, um treinador lhe disse que, se trabalhasse duro, poderia ir à Olimpíada. No quarto ano, em 1993, seu objetivo era conseguir uma bolsa de estudos num colégio americano, formar-se e voltar para casa. O Burundi parecia ter virado uma página: o último ditador tútsi havia convocado a primeira eleição presidencial da história do país. Evidentemente, um hutu venceu. Quatro meses depois, no entanto, soldados tútsis o assassinaram.

NA MANHÃ do massacre, diz Gilbert, ele ligou o rádio e não ouviu nada.

“Pensei que a pilha houvesse acabado”, conta. “Fui para a aula. Um amigo disse que o presidente estava morto. Não havia muitos hutus por perto, mas eu vi um, meu colega de equipe. Ele me mostrou um facão, fez um gesto como se cortasse a garganta com ele e disse: ‘Hoje à noite vou cortar seu pescoço.’ Perguntei o porquê e ele respondeu: ‘Porque vocês mataram nosso presidente.’ Eu pensei que fosse uma brincadeira. Mas às 10 horas havia uma multidão aglomerada no colégio – hutus car-

regando facões. Eles levaram embora um professor tútsi e avisaram: ‘Vamos matar todos esses tútsis.’

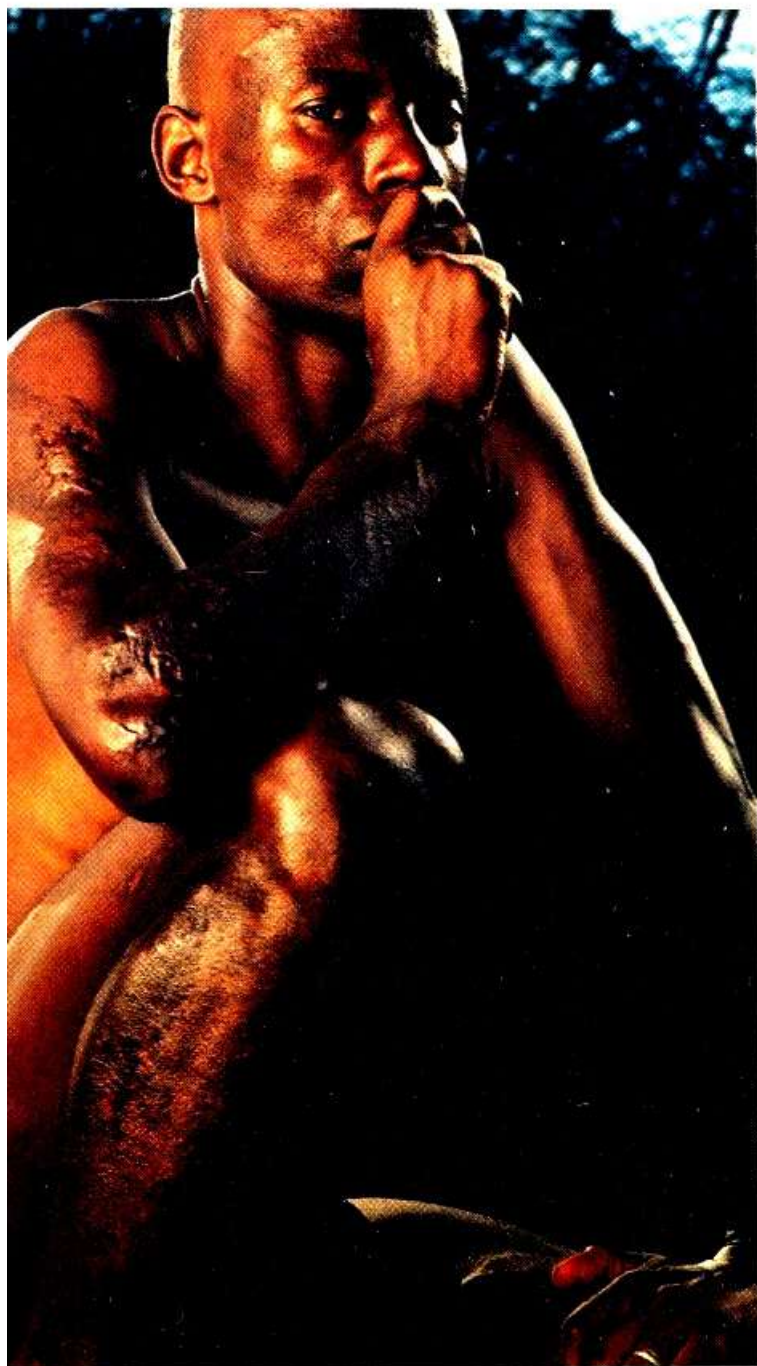
Por volta de meio-dia, fomos ao diretor pedir ajuda e ele nos disse: ‘Vocês mataram o presidente: devem morrer.’ Em todos os lugares havia um hutu com um facão, arco e flecha ou uma lança. Subitamente, uma mulher pegou uma lança e atirou-a na multidão. E eles nos atacaram – cortando as pessoas, suas orelhas e narizes, para que soubessem as que eram tútsis.

Eu estava em pânico. Fomos levados a um posto de gasolina cujo proprietário era um hutu, um rapaz que eu conhecia. Quando chegamos lá, eles pegaram nossas roupas. Fiquei apenas de cueca e camiseta.

Havia mais de cem pessoas em uma sala deste tamanho.” Gilbert aponta para a parede da cozinha do outro lado da sala de 12 metros por 7 metros. “Logo depois que eu entrei, jogaram gasolina pelas janelas. Minha camiseta foi atingida, e eu a despi. Em seguida, atiraram galhos em chamas.”

Gilbert foi atingido pelo fogo e decidiu deixar-se matar por eles. E pulou a janela.

“Logo que caí, não conseguia enxergar claramente”, conta. “Apenas comecei a me mover e dobrei a esquina. Ouvi alguém gritar: ‘Gilbert está vindo!’ De repente, caí numa vala cheia de água da chuva, que apagou o fogo em minhas costas. Ouvi aquele rapaz chegando, e ele também caiu na vala. Eu estava encostado na borda, e ele tinha uma



**As cicatrizes no corpo de Gilbert são a evidência da brutalidade a que foi submetido na adolescência.**

lança em uma das mãos e um facão na outra. Eu o matei.”

Gilbert faz uma pausa, coloca uma das mãos no queixo e a outra atrás da cabeça, puxando e torcendo com força, como se quebrasse o pescoço de alguém.

“Eu me levantei novamente”, continua ele. “Estava com tanta sede,

tão desidratado, que fui em direção ao hospital, a quase um quilômetro de distância. Cada passo doía. Eu mal podia ficar de pé. Meus pés, eu podia ver, estavam em carne viva. Minha perna direita estava tão ruim que dava para ver o osso.”

Mesmo assim, continuou correndo. Era uma questão de forma física – os anos na pista, esforçando-se quando pensava que ia morrer. Por fim chegou ao hospital.

“Quando minha mãe me viu, ela disse: ‘Se não fosse Deus, você estaria morto.’” Mas e os outros? Eles também eram filhos de Deus. Por que não foram poupados? “Era isso que eu não entendia. Depois eu me perguntava: ‘Por que eu? Por que eu sobrevivi?’”

**POR QUE AS PESSOAS correm?** Isso mesmo. Por que milhares de pessoas acordam cedo nas manhãs de domingo e forçam joelhos, tornozelos, corações e pulmões em 10 mil metros de asfalto?

Aqueles que persistem, e têm sorte, penetram em outro mundo: o estado de graça físico e mental que alcançam durante o percurso.

E, em Austin, todos os que desejam sentir-se melhor, superar-se, mesmo quando em algum momento sabem que é impossível, seguem cada palavra de Gilbert. Alguns de seus alunos são fanáticos, obcecados por cada meio segundo, cada curva da pista, cada dor. A maioria quer apenas correr mais rápido.

Os métodos de Gilbert são simples. Tudo se resume em forma física: como os braços se movem (economicamente, se possível) e os pés pisam (do calcanhar para os dedos). Ele força seus alunos, os quais, quando sentem que vão “morrer”, olham para as cicatrizes de Gilbert – as queimaduras em seu braço direito e depois para sua perna direita, que é mais escura nas laterais da panturrilha, onde as chamas atingiram o osso.

“Ele faz com que as pessoas acreditem nelas mesmas”, diz Lisa Spenser, uma fanática. “Trata todas como se fossem incríveis.”

Se Gilbert é seu salvador, essas pessoas representam o mesmo para ele – ou pelo menos o ajudam a responder à pergunta que o persegue há uma década: por que eu? “Por fim, percebi que precisava ajudar as pessoas”, diz ele, “treinando-as, contando minha história. Quando faço isso, eu me sinto bem.”

Gilbert passou três meses no hospital; sua perna direita sofreu uma queimadura tão grave que o joelho ficou rígido, em um ângulo de 90 graus. O médico disse que a cura levaria seis meses. Frustrado, Gilbert subiu em uma bicicleta e forçou o joelho a se soltar. As pedaladas deram lugar à caminhada, depois ao *jogging*, o que finalmente levou à

corrida, um ano após ele ter enfrentado a morte.

Em 1995, Gilbert correu pelo Burundi nos Jogos Universitários Mundiais, no Japão. Em 1996, ganhou uma bolsa de estudos para fazer atletismo na Abilene Christian University, uma pequena escola do Texas, onde foi um dos melhores, nos três anos em que esteve lá, em provas de 800, 1.500, 8 mil e 10 mil metros. Depois ele se mudou para Austin.

CORREDORES não perseguem outros corredores. Eles correm contra si mesmos: para alcançar seus propósitos, transcender suas fraquezas, repelir seus pesadelos. E, embora um corredor não possa derrotar a si próprio, pode superar seu próprio tempo. Mesmo correndo há anos, sempre é possível melhorar. Foi por isso que Gilbert passou a primavera e o verão de 2003 fazendo homens correrem mais rápido do que ele, sabendo que isso o tornaria melhor. Os alunos de Gilbert o vêem como mais do que um corredor e treinador. Ele é um símbolo de carne e osso, um sobrevivente da vida real, um verdadeiro filho de Deus, um homem com uma missão infinitamente maior do que a deles e, ao mesmo tempo, de uma semelhança extraordinária: a luta diária para mostrar do que cada um é capaz.

## CIRCUNSTÂNCIAS

Sobre amigas no jardim-de-infância, minha filha de 3 anos explicou: “Mamãe, amiga de amiga só é amiga quando a amiga da amiga não está.”

CLARA RIBEIRO, Portugal